

Aguinaldo Diniz

Presidente da Associação Brasileira da Indústria Têxtil e de Confeção (Abit)



Efeitos diretos e colaterais da crise americana no Brasil

O tímido avanço da economia dos Estados Unidos desde a grande crise de 2008 reflete-se de modo agudo no comércio bilateral entre sua indústria têxtil e de confecção e a do Brasil. Os números, que não incluem fibra de algodão, são incontestáveis: no primeiro semestre de 2009, tivemos superávit de US\$ 46 milhões, que caiu para US\$ 40,8 milhões em igual período de 2010. Porém, no acumulado entre janeiro e junho de 2011, nos deparamos com déficit de US\$ 53,16 milhões.

Fica muito claro, desde a eclosão do chamado crash do subprime, há três anos, o paulatino esforço da indústria têxtil americana de exportar mais para o atrativo mercado brasileiro: suas vendas saltaram de US\$ 70,10 milhões, no primeiro semestre de 2009, para US\$ 82,59 milhões, no mesmo período de 2010, e US\$ 108,84 milhões, de janeiro a junho de 2011.

Em contrapartida, também considerando o movimento dos primeiros seis meses de cada ano, nossas exportações caíram de US\$ 116,10 milhões, em 2009, para US\$ 55,68 milhões, em 2011, depois de uma tênue variação positiva em 2010.

O possível agravamento da recessão nos Estados Unidos, em decorrência da crise fiscal expressa na fabulosa dívida pública de quase US\$ 15 trilhões, permite supor que, em curto e médio prazos, se mantenha a tendência de contenção das importações e empenho para ampliar as exportações.

Há que se salientar, nesse aspecto, a disciplina e comedimento da população daquele país ante as crises, reduzindo drasticamente suas despesas e racionalizando os hábitos de consumo.

Por outro lado, cabe considerar que os americanos continuam donos da maior economia do planeta. Obviamente, como já demonstraram em outras oportunidades, deverão vencer as dificuldades fiscais, voltando a crescer de modo mais substantivo e, conseqüentemente, diluindo o valor relativo da dívida em relação ao seu PIB, que representa quase um terço do mundial. Assim é prudente manter responsável otimismo quanto à retomada das tendências históricas do comércio bilateral de têxteis e confeccionados.

Mais graves do que as conseqüências da crise na relação direta com os Estados Unidos são os seus efeitos colaterais: à medida que se retrai o grande paraíso comprador de Tio Sam, crescem os olhos dos exportadores sobre o ascendente mercado brasileiro, que, desde 2003, incorporou 53 milhões de consumidores (estudo "O emergente dos emergentes", da Fundação Getúlio Vargas/Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID).

Lamentavelmente, como sabemos, numerosas fábricas de têxteis e roupas que vêm assediando os compradores brasileiros localizam-se em países alheios às leis de mercado, aos salários minimamente dignos e às normas de produção limpa. São nações que convertem atitudes política e ambientalmente incorretas em estratégias de comércio exterior.

Somando-se a isso os impostos e juros elevados que pagamos e o câmbio sobrevalorizado que expiamos, a conta é de um déficit de US\$ 2,26 bilhões na balança comercial do setor no primeiro semestre de 2011.

Por isso é urgente a adoção prática das medidas anunciadas pela presidente Dilma Rousseff para mitigar nossas desvantagens competitivas. O tempo pode ser implacável. ■

À medida que se retrai o grande paraíso comprador de Tio Sam, crescem os olhos dos exportadores sobre o ascendente mercado brasileiro, que, desde 2003, incorporou 53 milhões de consumidores